

MARTÍRIO INVISÍVEL



O martírio não é algo pontual que afeta determinadas pessoas que num contexto e circunstâncias concretas entregam a vida por Cristo dando testemunho da sua fé até derramar o seu sangue.

É muito mais abrangente e profundo do que às vezes imaginamos.

Recordemos as palavras de Santo Inácio de Antioquia: «Sou trigo de Deus e sou moído pelos dentes das feras para me mostrar como puro pão de Cristo. Quando o mundo não veja o meu corpo,

então serei na verdade discípulo. Pedi a Cristo por mim, para que consiga ser um sacrifício para Deus ... Se soffro, serei um liberto de Jesus Cristo e n'Ele ressuscitarei livre.»

Ao longo da história houve muitíssimas pessoas que foram este trigo de Deus triturado pelos dentes de tantas pessoas e circunstâncias, que inclusive sendo boas e quem sabe sem más intenções, porque não vem ao caso julgar algo que já está perdoado, propiciarão que essas almas escolhidas por Deus, como foi a da nossa irmã Teresa, celebrassem e vivessem, mostrando-se como pão de Cristo.

O mártir é quando é Eucaristia, é deixar-se viver por Cristo, é experimentar na própria carne o mistério da morte e ressurreição do Senhor.

“É que para mim, viver é Cristo e morrer é um lucro. Se entretanto, eu viver corporalmente, isso permitirá que dê que dê fruto a obra que realizo. Que escolher então?...” (Fl. 1, 21-22)

A ganancia do morrer chega a viver a Eucaristia como mártir, chega celebrar com palavras e vida a quem morreu por nós, chega sendo memória na própria carne da paixão e ressurreição de Cristo. Celebrar e morrer é viver e alcançar a vida do ressuscitado.

Houve um martírio invisível que mortificou o corpo, a mente e a alma da Ir. Teresa Mira. As Irmãs que viviam com ela e muita gente próxima não sabiam ver essa luz que levava na sua lampadazita de barro, até havia quem, por inveja, frustração, ambição, egocentrismo ... se atrevia a colocar a cortesia por cima de dita lampadazinha para que não se notasse que alumiaava. Mas

Cristo pegou essa pequena chama que brilhava com gratidão e colocou-a no alto da sala, para que todo o mundo visse e desse glória a Deus.

O martírio que viveu Teresa foi atenuado por circunstâncias sociais e também comunitárias, mesmo que que tenha havido quem não gostasse muito de o admitir, que não mataram o corpo diretamente, quer dizer, não a obrigaram a afastar-se da sua fé em troca de salvar a sua vida, mas sim levaram-na a testemunhar a sua fé com a vida de forma custosa e clara, mesmo que o tivesse feito calada e como que a ela isso não lhe dissesse nada.

Porque em determinados momentos parecia ir contra a corrente quando na verdade era ela a que encontrava a verdadeira corrente. Sem querer destacar havia sempre a quem incomodava por lhe parecer que destoava demasiado, sem querer fazer-se notar, notava-se a sua presença, sem que algumas pessoas quisessem que estivesse porque lhes fazia sombra se davam pela sua falta, se não estava ...

Teresa foi um coração fiel que se agarrou ao de Cristo, não fugiu dos desafios que se lhes apresentava a vida comunitária e os seus conflitos, mas sim, respondeu e afrontou demonstrando atitudes valentes e perseverantes que puseram nas suas mãos essa palma do martírio que nunca será invisível aos olhos de Deus.

A ela foram-lhe chegando as coisas com subtileza e assim foi lutando com elas, também com subtileza, mas com a valentia de Jacob no meio da noite.

Quase ninguém viu nela as grandes lutas, nem viam as suas boas ações, essas que agora recordamos e contamos com tanto respeito e carinho. Mas as que a amaram de verdade e a conheceram, souberam em primeira mão o que estava a acontecer nesse preciso momento. Era algo mais valioso que um simples “fazer o bem a todos” que já é em si uma coisa muito boa.

“Eu, a irmã Teresa do Menino Jesus de Praga, faço a minha profissão e prometo a Deus e à Bem Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo e à nossa Mãe Geral obediência, castidade e pobreza ...”

Assim pronunciou humildemente a sua entrega a Cristo, assim entre Deus e aquela mulher pequena de grande alma houve uma formosa aliança. No seu coração não foram palavras de um simples ritual. Assim escutava por dentro aquelas palavras de S. Paulo que se iriam convertendo nela num modo de vida: “Alegrai-vos sempre no Senhor! De novo o digo: alegrai-vos! Que a vossa bondade seja conhecida por todos. O Senhor está próximo. Por nada vos deixeis inquietar; pelo contrário; em tudo pela oração e pela prece; apresentai os vossos pedidos a Deus em ações de graças. Então, a paz de Deus, que ultrapassa toda a inteligência, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus.” (Fl 4, 4-7)

E assim foi, permaneceu alegre, já desde o momento da sua profissão, oferecendo a sua moedita, a do valor de permanecer alegre apesar de não ter, como as outras irmãs professoras, os seus seres queridos a acompanhá-la, e permaneceu na capela, como seu Esposo, unidos num mesmo “Sim quero”, oferecendo-se pelas

almas de quem mais queria também no céu, acolhendo isto Jesus com grande carinho e oferta humilde. Enquanto as outras irmãs fora, no claustro se abraçavam e conversavam com as suas famílias. Nessa mesma noite, se pôs em caminho para ir velar um doente, porque numa casa tão grande e com tantas irmãs, a Superiora não encontrou outra irmã mais apropriada que a recém professora Irmã Teresa do Menino Jesus de Praga (como não tinha ninguém da sua família ...). O Esposo também sorria e a ia guardando no seu Sagrado Coração essas preciosas moeditas. (Cf. Lc 21,2-4)

Ficou tocada de amor, ficou tocada pelo Amor. E começou a configurar-se com Cristo, mártir dos mártires. Porque a jovem já trazia um caminho feito, já começava a estar a sua alma partida aos pouquinhos, e seguir-se-ia partindo, mas ela aprendeu a não desperdiçar nada, a recolher esses pedacitos e a guardá-los envolvidos num pequeno pano que lhe oferecia Maria, no manto que lhe oferecia Jesus, recolhia-os todos com cuidado, sem que perdessem o seu valor, guardava-os no seu CAPACITO interior. Esse CAPACITO desde o que pela lei da caridade se multiplicavam milagrosamente os pães para os que tinham fome.

Fez um pacto de Amor com o mesmo Deus, e chegou o que tinha de chegar para dar cumprimento a dito enlace. Foi chegando a enfermidade, ao mesmo tempo que chegavam tantas incompreensões das suas irmãs, que pensavam que não podia ser que uma jovem não pudesse trabalhar e servir às irmãs mais idosas e enfermas. Porque o seu rosto não o transmitia, o seu

sorriso, a sua afabilidade permaneciam para agradar e semear harmonia.

E recolheu até ao último pedacito da sua alma feito trigo e feito pão tostado, guardou-o no pequeno pano da sua cestita de verga e continuou caminhando *com os seus pés descalços, porque começavam a pisar terreno sagrado, porque no seu interior já ardia a sarça que não se consumia*. Notava que mesmo não se sentisse com forças finalmente tinha-as, até ela se maravilhava de ver como conseguia superar essa carga da fadiga que lhe impedia de trabalhar e ter o gozo de acompanhar Jesus na sua dor quando ela o sentia durante os momentos de realizar as tarefas conventuais que lhe eram pedidas, sem perder a *Doce Companhia* que sonhava feita *Voz* por dentro e *Próximo* por fora, desde aí, continuava a sentir-se animada a lutar contra essa dor física, mora e espiritual que se transformava pouco a pouco num “martírio invisível”, que a transformavam pouco a pouco noutra Cristo.

Notava que mesmo que não se sentisse com forças finalmente as tinha, até ela se maravilhava de ver como conseguia superar essa carga da fadiga que lhe impedia de trabalhar e ter o gozo de acompanhar a Jesus na dor quando ela o sentia ao mesmo tempo que realizava as tarefas conventuais que lhe eram encomendadas, sem perder a sua *Doce Companhia* que sonhava feita *Voz* por dentro e *Próximo* por fora, fora, desde aí continuava a sentir-se animada a lutar contra a dor física, moral e espiritual que se transformava pouco a pouco num “martírio invisível”, que a transformava pouco a pouco noutra Cristo.

“Acumulai tesouros no Céu, onde a traça e a ferrugem não corroem e onde os ladrões não arrombam nem furtam. Pois, onde estiver o teu tesouro, estará também o teu coração.” (Mt 6, 20-21)

Não sabemos o quanto lhe custou despedir-se deste mundo, porque às vezes parece que às almas santas não lhes custa estar como se fosse tudo uma graça natural que já está dada desde o céu e já está, mas a voz de Deus semeando o talento da capacidade continua a resposta do ser humano pondo esforço e vontade. Teresa soube deixar tudo com fervor, com respeito, com harmonia, como se não lhe tivesse custada nada, mas sabe Deus o que lhe custou, porque entregar algo a Deus que não nos custe é o mesmo que entregar-lhe uma caixa vazia. O valor aos olhos de Deus está no que para cada um significa. E assim, pouco a pouco a Irmã Teresa foi largando afetos, coisas, razões ... que mudava-as por oferendas de pobreza, castidade e obediência, oferendas que de longe a afastavam do mudo e a faziam mais livre, mais próxima, mais humana.

Largar o inútil não lhe custou, largar os afetos, as pessoas queridas ... foi algo mais complicado, mas descobriu que o que se pode levar no coração não se perde, senão que, aumenta o valor, e nisso trabalhou toda a sua vida, em saber distinguir o que se pode levar no coração e o que se deixa cair dos bolsos da alma por mais que o queiramos guardar.

Nos seus últimos momentos viveu a solidão e o silêncio como essa companhia que lhe ia trazendo notícias do seu Amado que já estava a chegar.

“Cada dia o bom Jesus vai dando mais um golpezito, não sei quando será o último, mesmo que o espere não esperava, mesmo que o quero, não o queria...” conformava-se, quer dizer, ia tomando forma cada vez mais parecida à d’Aquele que entregou a vida por nós. Tinha uma forma sem consagrar junto a umas estampas numa cadeira próxima à sua cama, algo que a ajudava a transportar-se diante de Jesus Sacramentado, algo que lhe ajudava a fazer comunhão espiritual quando já não podia participar como antes da Eucaristia. Também tinha pena da sua querida Irmã Madalena, para a qual coseu uns pedacitos de papel com a intenção de lhe escrever o seu último carinho, tinha pena de não abraçar e pentear os meninos com os quais tanto tinha aprendido na aula, tinha pena de não sair à rua para repartir um pouquinho de si mesma que trazia guardado naquela extraordinária cestita de verga. Mas tinha cada vez mais pena porque já entregava o que ia recebendo a mais. Sabia onde estava o seu coração, e como diz o evangelho: *“onde estiver o teu tesouro, estará também o teu coração.”* (Mt 6,21)

“Digo-vos que se eles se calarem, gritarão as pedras.” (Lc 19,40)

Morreu silenciosa, no dia 26 de fevereiro, tocaram os sinos, aqueles que só escutaram milagrosamente algumas pessoas que também a tinham escutado quando ninguém a ouvia, porque passou pelo mundo sem fazer ruido, dizem-nos muitos que a conheceram e morreu a sua lampadazita de barro deste mundo para brilhar no céu feita estrela, das pequenas, das que não procuram destacar. E parece que não tinha feito nada, mas

passou Teresa Mira, mulher consagrada, “mártir invisível”, que à imagem e semelhança do seu Esposo passou pelo mundo fazendo o bem. E continua a fazê-lo, porque continua a interceder. Oxalá saibamos como ela viver recolhendo e guardando a nossa alma, entregue aos pedacinhos para assim poder, como ela, fazer uma Formosa oferenda mesmo que seja numa velhinha cestita de verga.

O evangelho recorda-nos que “muitos são os chamados e poucos os escolhidos.” (Mt 22,14), eu gosto de pensar nisso de outra maneira, muitos os chamados, poucos os decididos, mas destes últimos, dos decididos, dos capazes de aceitar o “martírio invisível” é o Reino dos Céus.

Hna. Pili Jordà cmt